

# Um presidencialista parlamentarista

Raul Pilla

UM COLABORADOR do «Diário Carioca», o sr. J. Guilherme de Aragão, reconhece que o sistema parlamentar apresenta algumas vantagens peculiares, conforme pôde observar quando dos seus estudos na França (note-se, na França, cujo exemplo se aponta geralmente como escarmento). «Possibilita mais rápida elaboração legislativa; torna mais íntima a cooperação entre os poderes do Estado; localiza, de modo efetivo, provocando consequências políticas imediatas, a responsabilidade governamental. Tais vantagens — prossegue o articulista — nos parecem grandes virtudes se as compararmos ilegítimamente (?) aos defeitos de nosso presidencialismo; se considerarmos, por exemplo, que, entre nós, a discussão das leis pode arrastar-se aleatória e indefinidamente; que é normal a briga dos Poderes, do que dão prova os iterativos requerimentos de informação de um Poder ao outro, e que, no fundo, reina o desentendimento entre autoridades do Poder Judiciário e do Poder Executivo em matéria de exame e solução de assuntos administrativos, como bem o demonstra o recente episódio dos mandados de segurança, contra o Banco do Brasil. O regime de governo parlamentar, não sem longos anos de funcionamento, conseguiu, é verdade, melhor ajustar, mediante dispositivos institucionais próprios, a engrenagem que regula a máquina administrativa e as relações entre os Poderes do Estado».

Chegado a este ponto da citação, presumirá o leitor, com bom fundamento, ser parlamentarista o sr. Guilherme de Aragão. Puro engano! Apesar de todas as vantagens que reconhece em tal sistema, vantagens verificadas na própria França, onde se diz funcionar mal, entende ele que o regime presidencial pode chegar ao mesmo resultado. O nosso problema governamental é, em suma — diz o articulista — «de disfunção de regime. Nossa doença constitucional não é de estrutura, mas de funcionamento das instituições». Compreende o leitor? A máquina é boa, mas funciona mal... Sempre funcionou mal no Brasil, tem funcionado mal em todos os países, com a única exceção dos Estados Unidos, onde funciona sofrivelmente, mas, apesar disto, é boa! O que é preciso é fazê-la funcionar bem. Não o conseguimos em sessenta e cinco anos? Havemos de consegui-lo em cem!

Esta é a essência do pensamento do singular presidencialista. Quanto às críticas que ele faz à forma da Emenda Parlamentarista, tão graves que a reduzem a um monstrengo, tratarei delas em outro comentário.